

# A HOMOAFETIVIDADE INESPERADA E A DES(CONSTRUÇÃO) PATRIARCAL NO CONTO “AS TRÊS IRMÃS”, DE MIA COUTO

José Carlos Ribeiro Pereira (UEPB)  
zecarllos@hotmail.com  
Maria Suely da Costa (UEPB)  
mscosta@hotmail.com

## Introdução

O conto “As Três irmãs” de Mia Couto é o objeto de estudo deste trabalho que pretende analisar a representação de gênero e o patriarcalismo presentes nos discursos da referida obra. O autor moçambicano se encarrega de nos apresentar elementos sociais que justificam uma análise aprofundada a respeito da relação entre Literatura e os contextos sociais dos menos favorecidos e dos predominantemente estabilizados enquanto padrão respeitado e encarado pelo ponto de vista da normalidade consagrada pelo tempo.

Os conceitos elencados neste trabalho são possíveis a partir da fundamentação teórica de autores como Silviano (1976), Cantarin (2009), Santiago(1976) entre outros, que nos ajudam a entender o processo de descentralização do patriarcalismo e os espaços entre a heteronormatividade e homoafetividade.

O Escritor moçambicano Mia Couto é tido como um dos nomes mais representativos nos espaços das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa. Consagra-se a partir do trabalho literário que dialoga com inúmeros espaços sociais, ao lidar com situações universais que invadem o leitor em pleno convívio entre as dicotomias belo/imaginário e real/concreto.

No livro de contos “O Fio das Missangas”, publicado em Portugal no ano de 2003, Mia Couto revela sua capacidade de encantar o leitor ao prendê-lo a atenção através de narrativas (fios) interligadas, completando-se perante as individualidades que as caracterizam. Os textos parecem simplórios, limitados em sua extensão, mas revelam-nos uma riqueza incrível, à medida que nos percebemos participantes de contextos sociais presentes em inúmeros espaços, sejam africanos ou não. Nota-se, portanto, que a literatura miacoutiana apresenta traços presentes em que qualquer cultura nas quais se materializa situações opressoras, separatistas e, por vezes, comoventes.

Em *O Fio das Missangas* reencontramos o moçambicano dando a voz do texto aos mais simples personagens que, como corriqueiro em sua escrita, acabam por transmitir as mensagens mais profundas e as reflexões mais densas em seus textos, eternizados pela importância que transparecem. (MELONI, 2010, p.298)

Observa-se, portanto, que os contos reunidos na obra posta em referência traz algo característico ao escritor: sua capacidade de impressionar o leitor com a riqueza das entrelinhas do texto. Couto não se prende ao que é colocado no papel, ele abre espaço para uma sociedade carente de reflexão sobre seus anseios e problemas mais urgentes, sejam pessoais, coletivos e, como muitos críticos defendem, de seus guetos sociais. É um escritor que possui uma obra rica em realidades e invadem o espaço de reflexão do leitor.

A obra do autor moçambicano é campo fértil para análise da representação de gêneros. Quando o assunto é o comportamento e identidade sexual dos

indivíduos, sua escrita se apresenta propensa a desconstruir as imagens que o discurso patriarcal instaurou como norma. (CANTARIN, p.89, 2010)

O patriarcalismo marca as relações sociais em que a figura masculina se sobressai em relação à feminina, exercendo sobre esta um poder de controle, ditando comportamentos e maneiras de agir conforme o que lhe é mais conveniente ou gratificante. Exercer o controle sobre o outro é, sem dúvida, o desejo de muitas pessoas, ainda que não o seja duradouro, mas a presa temerosa atiza melhor o sentido de quem a tem consigo, podendo fazer e usá-la da forma como deseje. Nesse sentido, a mulher ocupa uma posição desfavorável, submissa às vontades e ordens recebidas que lhe roubam a vida, suas vontades, seus valores mais intrínsecos e puros. Essa situação deixa clara a intenção de reduzir a mulher a algo qualquer ou, em última análise, encará-la pelo ponto de vista patriarcal, tão bem aceito em sociedade e retratado/desconstruído pela obra de Mia Couto, assim como veremos na análise do conto “As três Irmãs”. Além disso, é importante refletir sobre os contextos de exploração pelos quais passam os grupos desfavorecidos sócio-culturalmente, resultado de heranças ideológicas.

### **1. “As Três Irmãs”: Unidas e Excluídas pelo pai**

As Três Irmãs é o primeiro dos 29 contos d’*O Fio das Missangas*. Nele, há a presença de uma narrativa intimista, estática como uma imagem, fria pelo ambiente em que estão os personagens, suscetível a interpretações sobre a relação entre três filhas e seu dono/protetor (pai), marcado pelas crenças patriarcais que se inserem em sua conduta.

Gilda, Flornela e Evelina são filhas do viúvo Rosaldo e foram instruídas para servi-lo em diversas necessidades. Nota-se, logo de início, que as filhas são colocadas em posição inferior perante a figura masculina paterna que se comporta como opressor, ditando normas a serem seguidas e obedecidas cegamente pelas filhas que a ele se dedicam e dão total atenção, ainda que isso represente uma morte, já que não vivem e nem têm suas vontades respeitadas, apenas existem, apenas servem. “O destino que Rosaldo semeara nelas: o serem filhas exclusivas e definitivas. Assim postas e não expostas, as meninas dele seriam sempre e para sempre. Suas três filhas, cada uma feita para um socorro: saudade, frio, fome.” (COUTO, 2009, p.11) O texto nos apresenta um relação muito próxima entre as meninas e três nome abstratos, apontando-nos assim, o quanto dependentes elas estão do ser opressor – o pai.

Olhemos as meninas, espreitemos o seu silencioso e adiado ser (COUTO, 2009, p.11). É dessa forma que o narrador nos convida ao envolvimento com a realidade das três personagens, três moças que representam um símbolo da imposição de comportamentos por quem as encaram como propriedade, forçando-as a reprimir desejos, suscetíveis ao autoritarismo e à força de um pai. Nesse sentido, é “o discurso patriarcal que cria uma norma e a impõe como sendo natural”. (CANTARIN, 2010, p.98). Rosaldo não apenas determina um comportamento às filhas como também faz com que absorvam sua fala como soberana, sem que haja possibilidade de viver, de livrar-se da morte que as perseguem.

Podemos definir como sociedade patriarcal aquela em que o homem se sobressai em relação à mulher. Essa formatação de sociedade nos é herdada desde a sociedade grega, mas se quisermos ir mais distante, podemos presenciar a superioridade masculina no livro do Gênesis, a partir de Adão e Eva. (SILVA, 2010, p.02)

Silva(2010) nos apresenta um cenário muito propenso ao conto que analisamos. Ora, como ignorar a presença do patriarcado em As Três Irmãs? Gilda, Flornela e Evelina são

produtos de um espaço marcado pela presença masculina, onde não apenas pertence ao homem o status de importância como também é por ele tomada toda e qualquer decisão familiar, desde que sua esposa falecera e passara-o o poder de controle sobre as filhas.

Rosaldo determina o que cada uma delas devem fazer, diário e repetidamente. Ocupá-las é uma forma de livrá-las dos prazeres, dos desejos guardados que poderiam assustá-lo se pudessem ser exteriorizados a outrem, por isso a distância, a reserva, o isolamento de seus corpos às paixões, aos amores que poderiam ameaçar a figura paterna, a pretensa autoridade que, desde então, “apanha o fruto maduro em suas mãos e dele pode desfrutar”(COUTO, 2009, p.11), representando, assim, uma ideia de paternidade e propriedade particular.

No conto, cada uma das filhas, é descrita individualmente, apresentadas em suas particularidades, suas tarefas diárias, o mundo que lhe foi permitido. Gilda, a mais velha, era poetisa, criava rimas, mas jamais as transformara em poesias porque seu coração não lhe permitia viver. “De quando em quando, uma brisa desarrumava os arbustos. E o coração de Gilda se despenteava, mas logo se compunha, enquanto o mundo fosforescia ao redor” (COUTO, 2009.p.12). Nota-se que, para ela, embora os dias se apresentem tão cinzentos, ainda há resquícios de um desejo que ainda permanece vivo, mesmo com todos os ventos contrários, mesmo com suas ânsias tão quietas, mesmo com o definhamento dos momentos.

Flornela, a receitista, diferencia de Gilda por um único motivo: sua tarefa é outra. Ao fazer referência à escrita das velhas receitas, o narrador representa o vagar em que se dá a morte dela, “como a jogar flores no caixão” (COUTO, 2009, p.12), mas nem por isso torna-se impossível encontrar uma esperança no coração da moça, e talvez seja isso o que mais nos chama a atenção na trama, a capacidade das três irmãs de, mesmo expostas a tantas arbitrariedades, jamais abandonarem a vontade de viver a partir de uma esperança, uma pequena, mas importante esperança de serem felizes ou de viverem experiências que os seus corações desejam.

Por vezes, seus seios agitavam seus olhos taquicardíacos trairdo acometimentos de sonhos. E até, de quando em quando, o esboço de vir cantar lhe surgia. Mas ela apagava a voz como quem baixa o fogo, embargando a labaredazinha que, sob o tacho, se insinuava. (COUTO, 2009, p.12)

Viver não é um desejo abandonado pela moça, o cantar e a labareda que ainda emergem nela mostram o quanto ela é forte, mas também o quanto é oprimida as forças que agem até mesmo em seus pensamentos, o que a proíbe de sentir aquilo que vem espontaneamente em sua cozinha escura, tão breu quanto à força do pai. COUTO (2009) ao citar a filha do meio, também nos reporta a um cunho erótico em sua descrição, levando-nos a uma dúvida interpretação: a de que, em primeira análise, as meninas não conhecem os prazeres carnavais e fogem deles em virtude do pai e, em última análise, é recorrente o desejo, ainda que desconhecido. Sobre isso, vale nos reportar a FOUCAULT (1994) e entender como é possível essa pretensa relação de desejo em meio a corpos que não se encontram.

Creio que é politicamente importante que a sexualidade possa funcionar como nas saunas, onde, sem que se esteja aprisionado em sua própria identidade, seu próprio passado, encontram-se pessoas que são para você o que você são para elas: nada mais do que corpos, com os quais combinações, fabricações de prazer são possíveis. (FOUCAULT, 1978, apud ERIBON, 1996, p.168)

Torna-se relevante destacar a importância da presença de um corpo para que se tenha o despertar desse prazer que notamos em Flornela, e Foucault(1978) deixa claro a importância

da combinação para que isso seja possível, no entanto, como haver esses desejos tão necessitados de florescer se as três irmãs não podem sentir, nem tampouco presenciar esses corpos, a não ser o do próprio pai? Podemos enfatizar dois aspectos a partir disso: observar que os sentimentos não estão assim tão reprimidos ou imaginar que o patriarcalismo também exerça uma função afetivo-emocional muito forte, a ponto de explorar nas filhas um forçado desejo que lhe seja exclusivo, particular, ainda que dispensável ao coração das moças. Por último, citemos Evelina, a mais nova e bordadeira, o narrador nos aponta em seu discurso a beleza da moça, ainda que ela nunca tenha ouvido um elogio, já que o pai proibira toda e qualquer manifestação do tipo. Há uma relação muito próxima entre seu comportamento e a de suas outras irmãs, nesta, porém, o talento lhe faz representar o que seria mais belo às três: o mundo fora do isolamento em que viviam, mas como mostrar aquilo que nunca foi visto? Evelina bordava pássaros sem jamais ter sido dona de seu destino, sem jamais tê-los visto a voar nos céus, mas não há vida em seus bordados, seus tecidos, por diversas vezes estavam encharcados de lágrimas. A tristeza é o que move a chegada da morte para Evelina, e ao chorar, ela exterioriza a dor que sente ao assistir seu velório sem que ninguém nunca a tenha tocado, sem que ninguém tenha lhe preparado. Era pura. A violência que o pai praticara contra seu coração era, sem dúvida, a pior dor que sentia.

## **2. Uma ponte desconstruída: A quebra do patriarcalismo e a inserção da homoafetividade**

As moças nunca foram tão felizes quanto no dia em que suas rotinas mudam a partir da presença de um novo corpo, um rapaz que, ao chegar às redondezas, lhes desperta para a vida. “Tremeu a agulha de Evelina, queimou-se o guisado de Flornela, desrimou-se o coração de Gilda” (COUTO, 2009, p.13). O que esperar das reações das três moças que apenas tiveram contato com o pai sob um regime patriarcalista marcado pela submissão, e que agora sentem o verdadeiro desejo sexual aflorar em seus corpos? Quantas reações desatinam nos corpos e nos corações das pobres moças virgens, marcadas por um destino comum: viverem isoladas para sempre até que, um dia, alguém vem e lhe entrega a verdadeira felicidade que vossos corações clamavam constantemente.

No tecido, no texto, na panela, as irmãs não mais encontraram espelho. Sucedeu foi um salto na casa, um assalto no peito. As jovens banharam-se, pentearam-se, aromaram-se. Água, pente, perfume: vingança contra tudo que não viveram. (COUTO, 2009, p.13)

É nesse momento que observamos o quanto está vivo o sentimento das três moças, capazes até de lutar contra as forças paternas que emergiam a partir dessa atitude, desse novo mundo que descobriram. Estavam a um passo de abandonar a exclusividade que a força do pai detinha sobre elas, mas Rosaldo não as deixaria ir tão facilmente. Se para suas filhas, o intruso representa uma nova vida, para ele havia uma ameaça a sua autoridade e não permitiria que as riquezas que sempre conservou fossem abandonadas assim, ou melhor usurpadas de suas mãos. É nesse contexto de disputa que certa vez Rosaldo resolve seguir o rapaz que o ameaçara e nesse momento a narrativa segue um rumo que impressiona o leitor, mas que fundamenta nossas interpretações. Ao sair para definir o desfecho da história, Rosaldo é seguido pelas filhas, curiosas em saber o que aconteceria com o talvez príncipe encantado que as resgataria daquele lugar:

As três irmãs correram, furtivas entre as penumbras e seguiram uma cena a visível distância. E viram e ouviram. Rosaldo chegando ao visitante e lhe apertando as engasgantes. A voz rouca, afogados no borbulhar do sangue: - Você não se meta com minhas filhas! (COUTO, 2009, p.14)

E ante o terror das filhas(...)eis que o mundo desaba em visão. E os dois homens se beijaram terna e eternamente. (COUTO, 2009, p.14)

Diante da cena que o narrador nos descreve, nota-se uma surpresa para as filhas que esperavam uma atitude meramente violenta sobre o rapaz e não a imagem que veem. Como explicar a atitude do pai que tanto protegia suas filhas, diante de um patriarcalismo repleto de moralidades e agora, é visto a beijar um rapaz, quais resquícios de interpretação são possíveis a partir dessa narrativa? O mundo desabava novamente perante seus pés. Antes de enumerarmos tais possibilidades, vale ressaltar a presença da dúbia interpretação ao final desse conto.

Estrelas e espantos brilharam nos olhos das três irmãs, nas mãos que se apertavam em secreta congeminção de vingança. Dias é que só há um. Para Rosaldo e o visitante, esse foi o dia. O derradeiro.(COUTO, 2009. P.14)

Ao postularmos as possibilidades de interpretação para esse desfecho, é importante ter em mente que na literatura há diversas formas de provar nossas análises a partir dos discursos que emana do texto, tendo em vista que para tudo o que se apresenta em um trabalho há uma razão, se não óbvia, mas lógica e contundente com o contexto enunciativo. Assim como não há uma interpretação única e exclusiva sobre uma obra, não deve haver uma imposição sobre elementos que devem ou não ser vistos ou retirados, mas desde que sejam provados estarão abertos à verossimilhança literária. Sobre isso, faz-se necessário mostrar que

Um texto só é um texto se ele esconde, ao primeiro olhar, ao primeiro que aparece, a lei de sua concepção e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre inacessível. A lei de sua composição e a regra de seu jogo não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente não se entregam nunca. (DERRIDA, 1972, p.71 apud SANTIAGO, 1976, p.93)

Nesse sentido, vamos analisar o porquê de alguns elementos do conto já terem encaminhado esse final. Para entendê-lo é essencial questionarmos a intencionalidade do autor ao chamar a figura opressora de Rosaldo, mantendo-o pelo nome a uma conjuntura feminina, ou seja renunciando uma relação entre ele e o próprio nome, sob o qual poderia ou não haver algum fundamento, alguma ligação. Ao sair à procura do rapaz, Rosaldo já mantera contatos diversos com ele, já que o afastava sempre de suas meninas, mesmo que o texto não nos tenha dito isso. Nessa perspectiva, pode ter iniciado entre os dois homens uma relação que estava aquém de uma concorrência, chegando a uma admiração maior ou um desejo que seria concretizado tão logo houvesse oportunidade. Chegando esse dia, as meninas são espectadoras e denotam preocupação com o que poderia acontecer, mesmo sem jamais tê-los imaginado se beijando terna e eternamente, como nos aponta o texto. Chegava o momento em que opressor e oprimido seriam nivelados.

As meninas, surpreendidas, sentem concretizar uma secreta vingança que há muito esperavam. Apesar de o texto nos apontar uma possibilidade dos dois terem sido assassinados pelas irmãs, é notável que diante da trama, a possibilidade maior de libertação e de resposta a tudo quanto elas viveram, seria desconstruir a própria imagem que ele preservava. A de um pai responsável, supostamente cuidadoso com suas filhas e que acaba,encerra-se exatamente

quando ele demonstra-se dependente de outro homem, desconstruindo a imagem que a sociedade mais preserva – a da heteronormatividade, que apresenta-se como um exemplo a ser seguido por quem quer ser bem visto e respeitado perante os demais, já que seria esse o modelo consagrado, desrespeitá-lo é, portanto, perder a autoridade e o machismo que o caracterizaria, conforme nos aponta CANTARIN (2010)

Sem aviso prévio, o machismo heterossexual que era a base de opressão das três irmãs revela outra realidade, tida como incompatível com a postura do pai. Uma possibilidade de libertação das três irmãs seria a “morte simbólica do pai”. É o pai que se suicida em sua lei. (CANTARIN, 2010, p.96)

Entende-se, portanto, que as três irmãs consagram a morte do pai, ao vê-lo praticando exatamente o que ele pregaria como algo negativo diante de suas atitudes opressoras e machistas que sempre se fizeram presentes entre elas. Dessa forma, a linguagem simbólica utilizada no texto pode até desenhar várias interpretações, mas não há de se desconsiderar a quebra da heteronormatividade nesse conto e a inserção da homoafetividade, como uma relação de admiração e atração física por alguém de mesmo sexo, assim como acontece entre Rosaldo e o “visitante”. Para isso, é necessário entender que a heteronormatividade é “uma obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (BRITZMAN, 1996, p.79).

Assim, nota-se que o opressor sempre foi adepto dessa tendência heteronormativa, impregnada pelo viés do machismo social e irritabilidade com situações adversas ao que é pregado, mas como explicar essa atitude de Rosaldo? Ora, ela possui o ponto crucial para sua desconstrução à medida que, tudo o quanto era pregado e defendido por ele, torna-se aboletado perante suas meninas, no momento em que elas o vê com o rapaz que encantara seus corações. Esse foi o momento de libertação, foi o instante em que o próprio pai mostrou a fraqueza de seus discursos. A vingança estava selada.

COUTO(2009) soube criar nesse conto um ambiente propício a imaginação do leitor enquanto participante, enquanto espectador atento à trama, que vive as experiências e sofre junto às irmãs. Não é à toa que a narrativa sempre se reporta a figura da tragédia, do triste destino na obra, e, nesse ponto, há um favorecimento pela própria descrição dos personagens como pessoas tristes, envoltas de uma tranquilidade amarga, abandonadas em um lugar separatista, sozinhas sem contato com o mundo e com outras relações, aliás, eles mesmos não mantinham contato mútuo, estavam juntos e sós ao mesmo tempo. Ao olhar por esse prisma, observamos que a riqueza da obra se estende além de nossas considerações feitas nesse trabalho. Podemos olhar para “As Três Irmãs” focando a temática da separação entre as pessoas em um contexto social, o detrimento das relações humanas, a falta da conversa como passaporte para uma solução de conflitos, a decadência do companheirismo, os problemas familiares persistentes, as fórmulas para ser alegre ou triste diante de determinada situação, enfim, há uma riqueza de análise muito forte nesse conto, basta observarmos as características que bifurcam nosso trabalho: seja para o lado da literariedade e representação dos personagens, seja pela ponte a ser construída a partir das relações sociais contemporâneas. Não é em vão que esse conto está em “O fio das Missangas” – textos curtos, mas que revelam uma carga interpretativa fantástica.

## **Conclusão**

Falar de Literatura Moçambicana, em especial da obra de Mia Couto, é ressaltar a importância do contexto social para a obra literária a partir dos pontos que a tornam convergentes, assim como vimos no conto “As Três Irmãs”, em que, de um lado havia o

padrão mais aceitável ou pelo menos, normal perante os nossos olhos que durante anos veem práticas patriarcais tidas até então como normais, mas também opressoras diante dos indivíduos que por elas são controlados. Por outro lado, é presenciada a inserção inesperada, tão surpreendente como ainda é nas relações humanas modernas, da homoafetividade, em essencial quando esta se concretiza através de indivíduos que possuem um histórico familiar que não o reserva este direito diante das consequências posteriores.

Emoldurar esse análise é abrir espaço para as discussões possíveis entre Literatura e Sociedade Contemporânea, a partir das representações de gênero, da valorização dos grupos menores e/ou excluídos e de outras concepções familiares que se assemelhem ou sejam divergentes do padrão que foi discutido, sejam eles ainda repletos de pré-conceitos estabelecidos e veemente defendidos ou pertencentes a classe dominante e, portanto, consagradas.

A partir do conto, podemos observar a importância de encará-lo a partir de uma reflexão contundente com as ansias sociais, buscando aspectos que nos permitem acreditar na função humanizadora da obra, ao destacar a importância de defender os menos favorecidos, os grupos que, por serem menores, passam a ser discriminados. As moças de Rosaldo são apenas algumas das pessoas que passam por essa intransigência opressora que nos rouba o direito de agir perante alguém que parece ser mais forte. Elas representam aquelas mulheres que, envolvidas por uma sociedade patriarcal, obedecem aos seus companheiros como a um Deus, talvez por medo da violência, das consequências que poderiam vir caso fizessem o contrário e se rebelassem contra a realidade em que estão inseridas.

É importante salientar também o quanto é presente o conceito da heteronormatividade em nossa sociedade, mesmo com todos os avanços e direitos que já foram adquiridos em face das novas configurações familiares, é perceptível que perdura no cotidiano uma aversão quando se desconstrói um conceito até então tido como correto e modelo a ser seguido por todos. Ao desconstruir a figura paterna em “As três irmãs”, Couto(2009) propõe uma discussão que prova até mesmo para os mais desacreditados que há uma mobilidade de costumes e uma inserção de novos pensamentos muito forte no âmbito social e todos eles não podem ser desconsiderados.

Durante toda a obra, fomos acompanhados por um semblante de tristeza, um ambiente fúnebre que se criava a partir da representação das três moças, das três almas que não poderiam agir nem reagir perante a opressão que sofriam, mas ao final o destino apesar de não reservá-las uma recompensa imediata, mostra que a vingança maior havia sido cometida, a partir do momento em que, ansiosas por uma tragédia, elas veem se concretizar o inesperado: a imperfeição de tudo o quanto foi apreendido em sessões opressoras que viveram junto ao patriarca. Assim posto, ficamos com a lição de que, devemos nos revoltar contra as opressões, lutar veemente contra elas e, no mínimo, detê-las para que não se aproximem de nós. Por outro lado, claro, respeitar as novas configurações de sociedade com as quais nos deparamos constantemente no cotidiano, no contato com os outros, fora do isolamento em que viveram Gilda, Flornela e Evelina.

## **Referências Bibliográficas**

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. Trad. Tomáz Tadeu da Silva. Educação e Realidade. V.21 Jan/Jun. 1996. P.71-96

CANTARIN, Márcio Matiassi Centarin. Mia Couto: Beligerâncias e Transgressões na Fronteira de Gêneros. In: *Terra Roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários. Vol.18, 2010, p.89-91.

COUTO, Mia. As três irmãs. In: *O Fio das Missangas*. São Paulo. Companhia das Letras, 2009, p.11-15.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogia da Sexualidade. In: (org) *O corpo educado*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. 6 ed. São Paulo, Cultrix, 1981.

MELONI, Otávio Henrique. Um colar de experiências: o olhar cotidiano de Mia Couto em O Fio das Missangas. In: *Cadernos de Letras da UFF* –Dossiê: Letras e Cognição. Nº 41, 2010, p.297-301.

SANTIAGO, Silviano (org.) Glossário de Derrida. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SILVA, Renan de Souza. A força patriarcal. Fundação Educacional São José, 7ª edição, São Paulo, 2010.